

# A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

O GOVERNO NAO É A RAZAO NEM A ELOQUENCIA — É A FORÇA. COMO O FOGO, É UM SERVIDOR PERIGOSO E UM AMO TERRIVEL.  
George Washington

## O ANARQUISMO NA PRATICA

# Uma experiência de vida libertária vitoriosa na Palestina

### Crise de Regime

O que está acontecendo com a carne, que os especuladores do comércio desonesto temem em sonhar no consumo público para forçar a alta de preço de 6 para 10 cruzeiros por quilo, demonstra que o processo usado pelos tubarões do mundo capitalista, que são bem uma demonstração da crise de caráter do regime em decomposição, é o mesmo para todos os generos de que o povo precisa.

Está provado, por meio de investigações feitas por uma associação rural, que os pecuaristas dos sertões de Goiás e Mato Grosso estão sofrendo as consequências da falta de compradores para o gado destinado ao corte, tornando-se para eles um problema serio a manutenção das contínuas criações que vão ficando sem venda. Isso quer dizer que o que falta não é carne para o consumo das populações brasileiras, e que, se o povo sofre nas filas em frente aos açouques e paga a carne ao preço que eles querem no cambio negro, isso deve-se à criminosa manobra dos especuladores, que pouco se importam com as necessidades do povo.

Haja vista o que acontece com o olio comestível. O povo está pagando a 25 cruzeiros o quilo de olio de amendoim, quando, há poucos anos atrás, se pagava a Cr\$ 4,50. Entretanto, notícias divulgadas pela imprensa nos últimos dias da semana passada, nos informam que os planejadores de amendoim estão em vias de abandonar as colheitas por não terem quem lhes compre o produto.

Tudo isto acontece com plena aquiescência dos poderes constituídos, que, em vez de se preocuparem com o custo da vida, empenham-se em aumentar cada vez mais os impostos, afim de fazerem frente aos gastos com a manutenção da engrenagem burocrática e das instituições repressivas.

E, quando se procura apurar responsabilidades, surgem à tona desse lamaçal, envolvidas nas manobras do cambio negro, os proprios organismos governamentais, como no caso da farinha comprada pelo governo do Estado na America do Norte, destinada a dar combate ao cambio negro, e que foi acabar nos armazens dos tubarões envolvida numa das mais vergonhosas especulações comerciais, conforme denuncia publica de um deputado no recinto da Assembléa e em reportagem radiofônica.

E o pior é que o fenomeno não é apenas nacional, mas mundial.

Em todas as partes do mundo, sob qualquer regime, o cambio negro constitui agora a norma de comércio, tornando-se a crise de caráter tão acentuada que as manifestações de angústia dos especuladores já são tidas como coisas normais.

A situação que o mundo atravessa é bem o espelho do desequilibrio moral da sociedade burguesa.

Os sentimentos chafurdam na lama das conveniências, a moral e as considegaes se prostituem e são postas em leilão pelos acambarendores, predominando a assés dos lúberos fabulosos, embora não também os lavradores se esgotem diante das terras abandonadas e incultas, abandonadas por falta de recursos e por não valer a pena cultivá-las, e muito embora nas cidades o povo gemia sob a pressão dos tubarões e se agosente nas filas à espera que sobre alguma coisa que lhe custe os olhos da cara!

E' este o quadro pavoroso da sociedade capitalista em derrocada, o caos do mundo que atravessou um período de decadência e transição, e que, repetindo os fatos da historia, caminha para a completa desagregação.

Não tenhamos dúvidas: o mundo futuro, o mundo novo que há-de surgir desta podridão, só pode enveredar por caminhos diferentes, só poderá encontrar solução para os problemas humanos dentro do regime preconizado pelos anarquistas, sem governos, sem dinheiro, sem fronteiras, mas onde todos os seres humanos, unidos pela solidariedade e pelo amor, tenham a sua disposição essa imensa riqueza social, produto de gerações, feita nesse de bem-estar e liberdade para todos. E isso chama-se anarquismo.

Vida baseada no apoio-mutuo — A mais perfeita organização familiar — De cada um segundo a sua capacidade e a cada um segundo as suas necessidades — Sem dinheiro e sem autoridade

A realização pratica do anarquismo é muito mais facil do que parece à primeira vista. Basta dizer que, mesmo dentro da sociedade capitalista, com todos os entraves do regime que assenta as suas bases no principio de autoridade, as conquistas do espirito libertario encontram solução pratica. Haja vista as bibliotecas publicas, o serviço de transportes coletivos, o serviço dos correios e telegrafos, as inumeras sociedades de apoio mutuo que funcionam, apesar de tudo.

Através das paginas deste jornal temos feito referencias às iniciativas praticas do anarquismo, demonstrando, não só a sua possibilidade, mas também a execução pratica das idéias.

Hoje, cabe a vez às coletividades de vida libertaria de nucleos de judeus na Palestina. Uma noticia publicada em "Tierra y Libertad", fazendo menção a uma correspondencia publicada no "Freedom", de Londres, nos dá idéias de grandiosa realização pratica do anarquismo, na Palestina: "A luta titanica que na Palestina se está levando a cabo, foi sempre encarada sob o ponto de vista nacional. Isso é certo, se encarmos a questão dentro de um aspecto geral. Entretanto, é preciso fazer-se exceção daqueles que, não obstante vem-se envolvidos nesse movimento, ainda que sem nenhuma responsabilidade sob o ponto de vista nacionalista, cultivam as idéias libertarias e as praticam dentro das possibilidades atuais. Para nos darmos conta do que ali se passa nesse sentido, damos a conhecer parte de uma correspondencia publicada em "Freedom", através da qual nos podemos convencer que é uma realidade a existencia de um valioso movimento libertario na Palestina.

"As proprias coletividades sobre as quais nos interessamos neste artigo, são em numero aproximadamente de 160, com um total de 45.000 membros, sendo de notar que o numero de estabelecimentos e membros dessas coletividades aumentam constantemente. E' preciso que se compreenda que este movimento não é uma simples aventura de lunaticos fanatizados. A maioria de seus membros, ordinariamente, são trabalhadores judeus e intelectuais, cujo fim essencial é encontrar a melhor maneira de edificar e praticar uma sociedade perfeita, na qual os judeus não possam divorciar-se das bases do trabalho produtivo, como acontece na maioria dos países".

Oportuna coincidência nos fez ver, ao mesmo tempo que tomavamos conhecimento desta nota através de "Tierra y Libertad", o livro do dr. Magnus Hirschfeld — "A Questão Sexual pelo Mundo", que é uma descrição de costumes sexuais através da historia de todos os povos.

Nesse livro encontramos um capitulo referente às coletividades judaicas do Vale do Emek, região que vai do Monte Carmelo de Haifa e que se estende através de 40 quilômetros até o sul do Jordão e o Lago Teberíades, outrora fértil, mas que, com o correr dos séculos, se tornou extremamente pantanosa e deshabitada.

Em virtude, porém, do esforço, admirável dos "chaluzim" (pioneiros) que se dedicaram ao saneamento dessa região, foram para ali atraídas muitas famílias de judeus que realizaram esta obra admirável, conforme o testemunho visual do dr. Magnus Hirschfeld:

### UM OASIS DE VIDA LIVRE NO VALE DO EMEK

"A visita às colonias situadas no Vale do Emek é muito instrutiva para os que se interessam pelas questões sexuais e sociais de vida em comunidade.

Os turistas que deixam de ver essas colonias, perdem a oportunidade de conhecer uma das coisas mais interessantes da Palestina. "A lavoura e a criação desenvolveram-se à medida que o paludismo desapareceu e o terreno se tornava apropriado. Onde cinco anos antes era um pantanal esteril, surgira um campo dorado de espigas de trigo. Legumes, verduras, vinhas colossais, olivas, bananas, laranjas e outras frutas encheram o solo. Em 1928, pastavam no Vale do Emek 3.000 bovinos, 972 muareas, 1.500 ovinos e cacarejavam 65.000 galinaceos."

"As colonias constituem-se por pequenos lavradores, há existindo escolas agricolas para rapazes e moças, onde vivem sob o regime de comunidade — são as colonias chamadas kwouzoth (no singular kwouzah: — comunidade).

Essas kwouzoth muitas vezes são qualificadas de comunistas, mas os seus componentes se insurgem contra esse epíteto e preferem o nome de "comuna" ou "coletividade".

Não há duvida de que os kwouzoth constituem uma experiencia de grande valor, embora seja reduzido o numero delas. Uma nova organização económica sob o signo de comunidade deu resultados favoráveis, até agora, no Vale do Emek.

### AS CRIANÇAS SÃO TRATADAS COM ESPECIAL CUIDADO

No Vale do Emek o simbolo das colônias é o edificio denominado "Casa da Infancia". Esta casa é respeitada como os cristãos respeitam as suas igrejas. Aliás, poderíamos dizer sem receio de errar, que se há uma religião verdadeiramente cumprida no Vale do Emek é o culto pelas crianças. Em varios kwouzoth encontramos esta frase: "Em primeiro lugar estão os nossos filhos, depois a nossa terra e depois nós mesmos".

Esta sentença, respeitadissima na região, prova que os sentimentos de responsabilidade e o amor dos pais não desaparecem quando seus filhos são criados em comunidade, fora de seus lares. Em varias colonias, as crianças, desde a mais tenra idade, passam a noite em grandes dormitórios com todos os requisitos da higiene moderna e onde até 7 horas da noite podemos ver os pais permanecerem à beira dos leitos de seus filhos. Em outras kwouzoth, as crianças passam o dia na Casa Comum e voltam à noite, para as habitações paternas. Durante o dia as mães têm oportunidade de se encontrar varias vezes com seus garotos. E as lactantes, nas horas regulares, entram na "Casa da Criança" para amamentar seus bebês.

Nessa casa existem compartimentos correspondentes às diversas idades e as crianças recebem cuidados medicos e pedagogicos. Na "Casa da Infancia" de Beth Alpha, a direção medica está sob as ordens da doutora Japhé e o poeta Ellahu Rapaport superintende a educação. O numero de medicos, educadores, professores e enfermeiras é bastante grande.

Perguntei às mulheres cujos filhos viviam na "Casa da Infancia" se essa separação não as tornava indiferentes às crianças e se os carinhos maternais que poderemos considerar como fisiologicos não eram prejudicados. Todas responderam negativamente e de maneira categorica. Ao contrario, consideravam-se satisfeitas em confiar seus filhos a pessoas competentes, desde o nascimento até à sua formação completa. Uma enfermeira já idosa, que nunca fora mãe, asseverou-me que o instinto materno é uma manifestação generalizada entre as mulheres e é se aplica tanto às crianças estranhas como aos proprios filhos. Allás, no reino animal temos exemplos abundantes de fêmeas de outras especies adotarem filhos de outros animais, parecendo confirmar essa teoria.

Mas, qualquer que seja a opinião sobre esse método de criação dos filhos, é uma verdade incontestavel, que a mortalidade nesse regime é muitissimo inferior do que no sistema de educação privada, onde as crianças sofrem constantemente necessidades elementares.

Devemos também lembrar que essas "Casas da Infancia" simplificam extraordinariamente a separação dos esposos no caso das desavenças conjugais. Também estas diminuem de numero, pois sabemos quanto contribui para elas a questão das crianças.

Os problemas existentes entre nós, como por exemplo: "Quem será mais digno de educar a menina, o pai ou a mãe?" "Quem deve ter mais direitos sobre o filho?" "Quem deverá sustentá-lo?" não tem mais razão de ser e as querelas dos pais não atingem mais as crianças que vivem no Vale do Emek.

### LIBERDADE DE AMAR COMO BASE DA VIDA FAMILIAR

Há muitas lendas a respeito das colonias coletivistas, que precisam ser desmentidas. Lá, as mulheres não são consideradas como um bem comum; a promiscuidade, a poligamia, e a poliandria não constituem a regra. A união monogamica é um costume que predomina no Vale do Emek, como nas outras massas judias ou cristãs que habitam a Palestina.

A união de dois habitantes no Vale do Emek traduz-se pelo fato de morarem juntos numa habitação. Para isso, basta uma comunicação à administração da colonia e o casal é considerado legitimo, sendo festejado por seus amigos. A casa em que vão residir e os utensílios necessários são providenciados pela administração; aliás, esses cuidados são considerados normais, pois a comunidade prevê e cuida de grande parte das necessidades vitais.

Assim, nessa aglomeração humana, os casamentos baseiam-se unicamente na atração natural e os matrimônios interesseiros não se conhecem. Nessa sociedade, (Conclua na 2ª pág.)

### Ação Subversiva

No atual regime capitalista, as funções sociais estão subordinadas umas às outras numa estranha relação em que o acessório predomina sobre o essencial.

Considerando o fator economico, o essencial é a produção, o acessório é a distribuição dos produtos. Neste regime paradoxal a distribuição dos produtos, sujeita ao comércio, se torna predominante de tal maneira, que as situações se invertem e a arte de traficar passa a constituir a unica fonte de riqueza. E mais ainda, toda a produção se subordina ao comércio que tende a crescer, a adquirir mil aspectos diversos, criando em torno de si novas funções secundarias que lhe aumentam o dominio parasitario sobre a produção.

Considerando o fator humano, o essencial é o individuo, o acessório é a organização. Esta chega a predominar de tal modo que, ao invés de ser uma servidora do individuo, passa a ser sua dominadora. A organização feita Estado é tudo; o individuo é considerado apenas uma partícula que só tem direito à vida enquanto é útil ao Estado ou enquanto lhe não é nocivo.

Esses fenomenos se concretizam assim no mecanismo politico-social de um país.

Acima de tudo, exuberantes, o Estado e o Capital, residindo nas grandes cidades como resultantes material do comércio e da centralização politica. Em nível inferior, esmagados e exauridos pela pressão de os sustentarem, a terra, o trabalhador rural, o operario, o cidadão.

Podemos sintetizar em uma palavra o fator determinante de tal regime: Autoridade. E' o espirito de autoridade que conduz à lucraçao das funções administrativas e, consequentemente, à centralização, de onde resulta o Estado; é o espirito inerente à propriedade que lhe dá a tendência à concentração na mão de alguns, de que resulta o Capital. De tudo isto nasce a desordem e o desperdício de energias.

Para que deste estado absurdo se passe a um regime social racionalmente organizado, é necessaria a subversão de todos os atuais valores sociais, é necessario refundir totalmente os sistemas de produção, de consumo e de administração. A propria natureza das coisas o indica: é preciso ter como pontos de partida, a terra, fonte primeira de toda a riqueza e o individuo, fonte de toda a atividade. E nunca os perder de vista. E que nas instituições futuras não haja nenhuma relação hierarquica, nenhuma centralização, ou voltaremos a um regime semelhante ao atual. E' preciso dar ao individuo o maximo da autonomia, é preciso dar à sociedade o maximo da descentralização.

VITOR FRANCO

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2102.





# Uma experiência de vida libertária...

(Conclusão da 1.ª pág.)

quando dois jovens se unem é realmente porque se amam e esperam ter uma harmoniosa vida conjugal; pelas estatísticas verificadas, somos obrigados a reconhecer que, embora as separações sejam facilitadas, da mesma maneira que as uniões, elas são em numero muito mais reduzido do que nos países em que o casamento se realiza em outras bases.

O registro oficial dessa união não é ponto primordial. Geralmente se faz nas vésperas de uma viagem dos conjuges para outro país ou por outras questões particularíssimas, pois para o fim de sucessão de bens ele não interessa; o unico dote que se pode herdar nessa região é um nome honrado.

## AS CRIANÇAS SÃO UMA QUESTÃO SOCIAL, O CASAMENTO É UMA QUESTÃO PARTICULAR

Esta inserção que encontramos em varias partes, traduz a teoria que domina os judeus da Palestina. Foi a escritora sueca Ellen Key quem proferiu essas palavras pela primeira vez.

A aplicação prática dessa teoria baseia-se na vida em comum. Os jovens do Vale do Emek desconhecem o dinheiro. Todos os objetos necessarios: alimentos, roupas, cigarros etc., pertencem à caixa comum. Com as reservas constroem-se novos edificios, compram-se maquinas e utensilios de produção para felicidade de todos. Isso se passa com grande facilidade, pois diariamente há um controle dos trabalhos. Após o jantar, os grupos de orientadores reúnem-se nos escritorios

para traçarem o programa do dia seguinte e darem balanço no dia que findou.

Os alimentos são abundantes, nutritivos, saborosos. Em geral, compõem-se de produtos da região: pão, legumes, frutas e laticínios. Os individuos que levam essa vida em comum são sadios, bem nutridos, joviais. Não há um tipo definido, porque existe uma grande mistura biológica.

É gente que veio da Europa, da Russia ou, então, autóctone, compondo-se de arianos e semitas.

As mulheres, quando trabalham ou fazem refeições, usam "culotes". Há uma grande aliança entre o trabalho masculino e feminino e entre o trabalho intelectual e manual. Talvez seja esta a característica da Palestina moderna. Os trabalhadores, nas horas de repouso, dedicam-se a estudos filosoficos, literários e científicos. Os intelectuais deixam muitas vezes seus gabinetes para trabalharem no campo, nos arados e tratores.

Contou-me o dr. Ussichkine, diretor de uma dessas comunas, que acompanhado de alto funcionario inglês na sua visita à região, encontrou na estrada um pastor que, sentado numa pedra, estava tão absorto na leitura de um livro, que nem percebeu a passagem dos dois.

O inglês ficou curioso em saber o que esse homem lia e desceram do automovel para interrogá-lo. "É o "Mundo como vontade e como representação", de Schopenhauer" — respondeu, entregando-lhe o livro.

Ao tomarem o carro, o inglês disse para Ussichkine: "Com gente assim seria difícil fazermos uma politica colonial..."



No vale do Emek a vida livre canta o poema da felicidade!

## 1848-1948

### Centenário dos rebeliões populares da Europa

#### CALENDARIO DOS ACONTECIMENTOS

##### NA ITALIA:

12 de Janeiro — Revolta de Palermo. Os insurretos invadem os quartéis. O motim se estende depois ao resto da Sicilia.

10 de Fevereiro — Ferdinando II, rei de Napoli, é forçado a promulgar a Constituição.

17 de Fevereiro — O grão duque Leopoldo de Toscana também foi forçado a promulgar a Constituição.

14 de Março — Sob a pressão revolucionaria, Pio II aceita e concorda com a Constituição.

18 a 23 de Março — As cinco Jornadas de Milão, em que o povo lutou heroicamente pela liberdade.

19 de Março — Levantes populares em Modena e Regio forçam o duque a retirar-se para Mantova sob a proteção da Austria (21).

28 de Março — Insurreição popular em Piacenza.

11-12 de Abril — Levantes em Roma ao grito de "Pão e Trabalho!"

13 de Abril — O parlamento siciliano declara decada a dinastia dos Bourbons.

29 de Abril — Pio IX cede à pressão da Austria e proclama a neutralidade do papado na guerra contra a Austria.

9 de Agosto — Perseguido em Custoza, (24 de Julho) o exercito piemontês se retira para Milão e depois para Ticino, assinando com a Austria o armistício de Salasco.

15 de Novembro — O conde Pellegrino Rossi, chefe do governo pontifício, é assassinado em Roma.

16 de Novembro — Insurreições em Roma.

25 de Novembro — Pio IX foge de Roma e refugia-se na fortaleza de Gaeta.

##### NA FRANÇA:

22 de Fevereiro — Luiz Felipe, rei da França, tenta fazer concessões, mas é obrigado a abdicar em favor do conde de Paris, seu sobrinho, mas ninguém lhe faz caso.

24 de Fevereiro — A Insurreição triunfa em Paris e proclama a República.

23 de Fevereiro — O Governo Provisorio da Segunda Republica Francesa proclama os direitos dos trabalhadores.

26 de Fevereiro — São instituidos os ateliers nacionais.

17 de Março — Alarmados pelas intrigas e pelas ameaças da contra-revolução burguesa, os trabalhadores de Paris saem à rua, mas deixam-se desviar pelos politicos moderados, depois de haverem posto em perigo o governo provisorio.

23 de Abril — Eleições na Assembléa Nacional Francesa pelo sufrágio universal, com grande maioria dos moderados.

29 de Abril — Em Paris, uma demonstração popular invade a Assembléa, derruba o governo e institui um governo provisorio.

23 e 26 de Julho — As conquistas da insurreição popular apavoraram a burguesia francesa. O general Cavaignac assume o compromisso da revanche, faz metralhar os trabalhadores que defendem as proprias conquistas e instaura a ditadura militar

sobre a segunda sublevação do proletariado francês.

10 de Dezembro — Luiz Napoleão é eleito presidente da Republica Francesa.

##### NA AUSTRIA-HUNGRIA:

3 de Março — Demonstrações populares em Viena e em Budapest. Kossuth reclama a autonomia da Hungria.

4 de Março — Carlos Alberto promulga o Estatuto.

13-14 de Março — Insurreições em Viena. Demissão de Meternich.

15 de Março — Uma proclamação imperial convoca a Assembléa Constitucional na Austria. A Hungria e a Croacia obtêm a autonomia.

8 de Abril — A Boémia obtém do governo de Viena a promessa de uma assembléa constituinte. São instituidos governos revolucionarios na Moravia, Galitzia, Dalmaçia e Transilvania.

15 de Maio — Insurreições em Viena.

17 de Maio — O imperador da Austria foge de Viena, refugiando-se em Innsbruck com a sua familia.

26 de Maio — Insurreições em Viena. Constituições de um Comité de Saude Publica.

1 de Junho — Primeiro Congresso panslavo em Praga. Miguel Bakunin, militante libertario, apresenta o seu programa revolucionario.

3 de Outubro — O barão Jellachich, governador da Croacia, havia tentado invadir a Hungria, mas foi repellido pelos húngaros que o perseguiram em territorio austriaco, avançando até às proximidades de Viena.

6 de Outubro — Em defesa da Hungria, ameaçada pelos imperiais, o povo de Viena se insurge. O conde Latour, ministro da guerra é morto.

31 de Outubro — Viena é obrigada a submeter-se depois de tremendo bombardeio. Os chefes do movimento insurrecional são sumariamente fuzilados.

2 de Dezembro — O imperador da Austria, Ferdinando I, abdicou em favor de seu sobrinho Francisco José.

##### EM OUTRAS PARTES:

24 de Março — Insurreição nos ducados de Schleswig e Holstein contra a incorporação à Dinamarca.

17 de Junho — Praga é bombardeada pelas tropas austriacas do príncipe Windischgractta, que institui a ditadura militar.

29 de Julho — Tentativas insurreccionais reprimidas pelas forças do governo inglês em Tipperary, na Irlanda.

# Pelo Mundo Anarquico

## NA ARGENTINA

### IMPORTANTE CONGRESSO DO PROLETARIADO REVOLUCIONARIO PROMOVIDO PELA "FORA"

Após um longo periodo de vida clandestina, em virtude da tirania ditatorial, a Federação Obreira Regional Argentina, a gloriosa FORA que tantas lutas vem sustentando desde o começo do seculo, retomou o ritmo de sua atividade com a declação que sempre caracterizou a sua ação em prol da emancipação dos trabalhadores.

Com as organizações que a integram ainda em periodo de reconstrução, fecunda já tem sido a sua obra, na propaganda por meio da imprensa e de conferencias, em movimentos de protesto e em greves reivindicadoras, podendo-se citar, entre muitos, os movimentos em prol dos revolucionarios espanhols, que ainda prosseguem, e dos cinco operarios ladrilheiros condenados à pesadas penas e que foram postos recentemente em liberdade, conforme noticiamos em nosso numero anterior, bem como o movimento dos trabalhadores do porto de Buenos Aires, que conseguiram obter o que reclamaram do patronato.

Agora, segundo comunicação que acabamos de receber de seu Conselho Federal, por intermedio de seu secretario Gregorio Naso, a FORA está preparando um congresso para reunir os representantes de suas organizações de toda a Republica Argentina, a fim de tratar de problemas de maxima importancia para os movimentos proletario e libertario daquele país.

Sobre a importancia desse congresso, que iniciará os seus trabalhos, em Buenos Aires, no dia 28 do corrente, e para o qual o movimento libertario brasileiro foi convidado a apresentar sugestões e mesmo a dele participar, assim se expressa a referida carta:

"Depois de longos anos de clandestinidade forçada, esta reunião publica do movimento obreiro revolucionario e finalista da Argentina, a qual deverão ser examinadas questões relacionadas com sua vida interna em face da realidade nacional e internacional, assume uma impor-

tancia que é dispensavel salientar". Certa de interpretar os sentimentos dos militantes libertarios desta parte da America, "A Plebe" envia suas calorosas saudações aos milhães argentinos que se vão reunir em congresso, almejando absoluto êxito para os seus trabalhos em prol da causa comum.

## EM CUBA

### SEGUNDO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LIBERTARIA DE CUBA

Subscrita por Hello Nardo, secretario geral, e Vicente Alea, secretario de relações, o Comité Nacional da Associação Libertadora de Cuba, organização federativa do elemento anarquista da ilha antilhana, enviou-nos uma carta comunicando a realização de seu segundo congresso nacional, que será realizado em Havana, nos dias 21 a 24 do corrente.

Acompanhou a carta um expressivo impresso, cuja apresentação patética o acerto do trabalho dos companheiros cubanos e no qual figura o programa do congresso, com a indicação das comissões incumbidas da preparação dos temas e da ordem do dia.

Além de questões relacionadas com sua organização interna, constam da ordem de dia itens referentes à atividade libertaria nos meios sindical, juvenil e estudantil e entre o campesinato; quanto à propaganda anarquista por meio da imprensa e do radio, de livros e politico-social do país, as relações da organização libertaria com outras organizações, a situação internacional e o congresso mundial anarquista.

Dada a atividade confisionista desenvolvida pelos elementos da policia partidaria nos meios populares e, principalmente, entre o proletariado, a realização deste congresso dos anarquistas cubanos tem uma grande importancia, pois nele poderá ser articulado ainda com maior firmeza o movimento que vêm desenvolvendo, com resultados satisfatorios, no meio sindical, de onde os maus pastores estão sendo alijados.

Aos libertarios cubanos também enviamos as saudações dos anarquistas brasileiros, certos de que seu congresso resultará fecundos resultados para a causa do anarquismo.

## O BANQUETE DA VIDA

### CAUSTICOS SOCIAIS

Um charlatão sagrado fazia um sermão de lágrimas, dirigindo-se a um toco de Cristo crucificado num enorme madeiro:

— Jesus, Salvador do mundo, vítima expliatoria, quem te pôs nessa cruz? Quem te cravou nesse instrumento de suplicio? Os nossos pecados, não é verdade, amantíssimo Jesus? As nossas iniquidades, não é certo, ó manso cordeiro?

— Não, senhor — responde pela boca dum rapazito a voz ingenua da verdade; — foi o João, o marceneiro; eu vi-o fazer o Cristo, pô-lo na cruz, prega-lo e pinta-lo depois.

### "INQUIETUDES"

Editada em Bordeaux, França, está sendo publicada a revista "Inquietudes", órgão das Juventudes Libertarias, da qual recebemos até o n.º 6.

Colaborada pelas melhores penas do anarquismo, com excelentes ilustrações, esta revista constitui mais uma das grandes iniciativas do Movimento Libertario Espanhol no exilio, que tantas e tão boas coisas vem fazendo para manter aceso o facho da luta pela liberdade.

## Livros para divulgação do ideal libertario

Uma das necessidades mais prementes na atividade do movimento libertario é, evidentemente, a divulgação de nossos ideais — para fazer frente ao ambiente de confusão e desorientação reinante.

E, para isso, a obra do jornal não basta. Serve ele para a critica às mazelas da sociedade atual, para combater violências e explorações, para informar sobre o que se passa em nosso campo, para alvitrar, estimular e apoiar iniciativas, tudo isto feito através de doutrina. Mas a parte doutrinaria exige o complemento do livro, indispensavel para formar o criterio libertario nas consciencias despertadas para o estudo da questão social.

Como as empresas editoras burguesas não se interessam pela divulgação de nossos livros, torna-se necessario nós mesmos agir nesse sentido.

E' o que estamos procurando fazer, na medida dos nossos poucos recursos. Por iniciativa de elementos nossos, já foram editados dois livros: "As idéias absolutistas do socialismo", de Rodolfo Rocker, e "O Anarquismo ao alcance de todos", de José Ottilica. Esses livros devem ter a maior divulgação possível por todo o país. Para isso contamos com a cooperação de todos os companheiros. Contando com essa cooperação decidida, estamos remetendo exemplares dessas obras a todos os companheiros que mantêm relação conosco, para que os divulguem entre os militantes, simpatizantes e estudiosos da questão social, assim como também nas livrarias, agencias de jornais e revistas que vendam livros e existentes nas localidades em que esses companheiros residam.

E' um trabalho necessario e urgente e estamos certos de que nenhum companheiro se negará a prestar o seu concurso no sentido da divulgação dos ideais através do livro.

Capitalista que, contente, estás à mesa comendo o teu banquete opiparo: come e bebe, ri e diverte-te, sauda as tuas concubinas tocando as taças de cristal de onde transborda o champanhe dourado.

A carne dos mil escravos das tuas fábricas fumegantes enche a tua taça e conduz à tua mesa as mais raras iguarias. Na casa deles falta o pão, enquanto os manjares sobram na tua mesa.

Os filhos deles, filhos de trabalhadores, vivem na miséria e na servidão, enquanto os teus filhos, filhos de parasitas, vivem no luxo e na fartura.

Os Spartacus vêm aí, injugáveis e justicieiros, ó capitalista contente! Anda, bebe depressa a tua champanhe dourada, saboreia o teu charuto havana, bebe e come depressa, porque o teu banquete está no fim!

Durval Tiburcio Lamotte

### "SERMÕES DA MONTANHA"

Acaba de sair, e já se encontra à venda, pela primeira vez em edição brasileira, este famoso livro de Tomaz da Fonseca, que tem visto as suas edições esgotadas em Portugal, desde o aparecimento da 1.ª edição, em 1912.

Brilhantemente ilustrado com gravuras adequadas e distribuídas de acordo com o texto de cada pagina ou capitulo, a presente edição, que foi uma feliz iniciativa da Editora "Germinal", do Rio de Janeiro, vem proficiada pelo autor, residente em Portugal, com um prefacio especial para a edição brasileira e antecedido de uma explicação sobre as razões desta edição por Roberto das Neves.

E' bastante conhecida esta obra admiravel de Tomaz da Fonseca, ex-seminarista e uma das mais brilhantes penas da literatura portuguesa, em que aparecem as figuras simples e humildes de varios aldeões a conversar sobre a questão religiosa com o autor, em dialogos interessantes e vivos através dos quais se debate o problema da questão social, numa linguagem simples e convincente.

Constitui este livro uma das melhores formas da propaganda anticlerical e a sua leitura se torna indispensavel para todos os que, de uma ou de outra forma, combatem o clero e lutam por um ideal de liberdade e justiça.







# O domínio do fascismo na Península Iberica reclama o protesto de todas as consciências livres

## A PLEBE

S. PAULO 21 DE FEVEREIRO DE 1948

ANO 31 — NUM. 13 (Nova fase)

### O fascismo em Portugal

## Quadro impressionante da vida portuguesa sob o regime salazarista

Regime de opressão, miséria e embrutecimento — Mas o povo português reagirá!

### JUVENTUDE TRAI DA

Só nós, os anarquistas, no dirigimo-nos à Juventude, o fazemos com o intuito único de emancipar essa mesma Juventude, libertando-a para a causa da Revolução e da renovação social. Só nós os anarquistas falamos a essa Juventude com o coração a sangrar e a alma aberta, porque nada lhe queremos impor. O que queremos sim, é libertá-la do que lhe foi imposto, do que lhe foi dito tendo em mira interesses partidários, libertá-la de prejuízos dogmáticos político-religiosos, que a sua alma virgem e pura facilmente aceita, deslizando ingenuamente para a perversão intelectual.

Quando nós, os anarquistas, nos dirigimos à Juventude, queremos tão só dar-lhe a conhecer o homem e a Natureza, para que em si e na mesma Natureza encontre as suas próprias normas de conduta, as suas regras da vida. A anarquia é a vida, é o grito da vida perante os atentados e atropelos de que é vítima! E é a vida que os anarquistas levamos no pensamento quando nos dirigimos a uma Juventude que no desaminho se atropela a si mesma, se degrada, se precipita no abismo.

E quando tivermos conseguido que um jovem se rebelde contra o que não é humano nem natural, então teremos encontrado um Homem!

Em sentido oposto ao nosso, ensinam as mil e uma seitas políticas e religiosas que pululam — confundindo-se mais cada vez umas com as outras — neste globo terráqueo que foi imenso no tempo dos descobrimentos e hoje se vai restringindo com o desenvolvimento da técnica científica. Ensinam embrutecendo, porque observam princípios rígidos, dogmas infalíveis, verdades absolutas, quando na realidade e na Natureza o absoluto não existe, o dogma é inconcebível e a rigidez um disparate constantemente desmentido pela transmutação e evolução das coisas.

Só os interesses de partido e de seita, de casta ou de grupo, justificam um ensino tendencioso e aviltante. E sacrificam-se assim gerações inteiras, imoladas ao interesse e ao partidarismo! Fanatizando e arregimentando, por um lado, debilitando e apatizando, por outro, eis a consumação dessa educação tendenciosa, antecipadamente prevista e orientada.

Crime monstruoso se comete nas almas juvenis, que nasceram para ser livres, indiferentes à podridão do mundo, e senhoras duma vida que bem merecia ser vivida. E constangidos e horrorizados somos forçados, nós, que somos verdadeiramente livres, a contemplar os descautos e atentados permanentes no homem e à vida, dessa Juventude traidora e esmagada na que a vida tem de mais nobre, de mais belo, de mais humano.

Tragédia imensa, de proporções inauditas, será o erguer dessa Juventude para a Libertação. O totalitarismo domina ainda e continuará arrastando para o abismo da intolerância os jovens de hoje que serão os homens de amanhã.

Falo de Portugal e como jovem que teve a felicidade de encontrar ambiente que o soube arrancar das garras do jesuitismo português. Mas não posso deixar de contemplar, com desespero e revolta, a ignomínia em que se precipita uma Juventude que nasceu e se criou na intolerância do despotismo salazarista.

Portugal, Fevereiro de 1948.

PEDRO MIGUEL

### UMA DEMOCRACIA ORGANICA

Há 22 anos que Portugal geme sob o domínio do fascismo clerical. Desde 1933 que Salazar estruturou o Estado sob forma corporativa, cópia textual do fascismo italiano. Até certa altura toda a propaganda oficial e os discursos do tirano evidenciavam a superioridade do regime autoritário e destacavam a forma fascista do Estado. Desde a vitória eleitoral do laborismo britânico que a propaganda oficial adotou o tema que a forma política do Estado era uma "democracia orgânica".

O fenómeno político português tem interesse primordial na análise das transformações político-económicas que o mundo tem sofrido desde a 1.ª guerra mundial.

Portugal apresenta todas as formas dum país colonizado pela finança internacional. As suas atividades económicas são, na sua maioria, manobradas por capitais estrangeiros, o seu comércio externo, as riquezas naturais, a marinha mercante, e até a vida económica das suas possessões ultramarinas estão dominadas as influências desse predomínio. Não tem uma política nacional própria, visto que todos os governos e todos os regimes buscam em Londres, e mais modernamente em Nova York, a inspiração e o apoio. Os partidos políticos tradicionalmente gravitam na órbita desses interesses, e as suas doutrinas inspiram-se na política dos Estados mentores.

O regime de Salazar, com a sua forma corporativa, identificou, para maior êxito dessa colonização, o Estado, instrumento de domínio, com os interesses dos clans financeiros omnipotentes, erigindo-se em órgão dirigente de toda a economia sob o sofisma de "Tudo pela Nação".

Os grêmios patronais, associando todos os detentores de meios de produção ou de atividades comerciais, to-

maram sob a orientação dos órgãos técnicos-burocráticos do Estado a direção de todas as atividades económicas.

Mas o capitalismo privado mantém-se apenas na posse e conservação dos meios de produção, e mesmo assim sob um condicionamento legal. Preços, contingentes de produção, comércio interno e externo e condições de trabalho são estabelecidos pelos órgãos técnicos do Estado.

O Estado fascista, anulando a forma clássica do capitalismo, tornou-se um aparelho tecnocrático ao serviço dos clans financeiros internacionais, submetendo a esse fim supremo todas as classes sociais, o patronato, os técnicos e os trabalhadores. Erigindo-se em razão suprema da sociedade entendeu assim ter anulado a luta de classes e a atividade política. Uma nova casta surgiu: os técnicos burocratas responsáveis da execução da política totalitária, fabricantes de regulamentos, estatutos, contratos de trabalho, estatística e fixação de contingentes de produção e comércio. Esta fauna e a dos argonautas gerentes de companhias e bancos é que dominam o país, e se não detêm a totalidade da propriedade privada, atingiram uma forma mais capelosa do que a concentração capitalista, a que Marx esperava a sua revolução geométrica, para a sua exploração por intermédio do Estado em formas indiretas.

Salazar, subordinando a economia nacional a esses clans financeiros internacionais, modela a sua política pela dos Estados mentores desses mesmos clans. No auge do poder de Hitler inspirou-se nas sociedades financeiras anglo-germânicas, e portanto adotou a etiqueta fascista, mas o desfecho da guerra fez girar para a finança anglo-americana o comando económico do mundo, e assim tor-

nou-se natural que Salazar fosse buscar a Londres e a Nova York o padrão democrático para a sua "democracia orgânica".

O conteúdo "democrático" do seu regime vai buscar à arregimentação forçada do povo trabalhador nos sindicatos nacionais e na variedade de inoperantes caixas de assistência para as quais qualquer operário desconta semanalmente cerca de 20 por cento dos seus salários, na coação forçada com que os faz partilhar das exteriorizações oficiais do Estado, obra perfeita da polícia política e do "Campo da Morte Lenta" no Tarrafal.

Mas que diferença fundamental haverá entre esta estatização económica sob o domínio dum clan financeiro, ou as nacionalizações de indústrias pelo mesmo Estado e tecnocracias, como na França e Inglaterra capitalistas, ou na Rússia soviética?

Há afinal um mesmo fenómeno de ordem político-económico, de peque-

### A OBRA NEFASTA DO DITADOR SALAZAR

Hoje como ontem, como há 22 anos, o povo português vive divorçado da política que o esmaga, imposta pela fatídica ditadura militar-clerical.

As cantatas postas a circular na imprensa estrangeira de que há inteira concordância entre o povo português e a política que lhe é imposta pelo terror policial e a coação, patronal da camarilha salazarista, é pura fraseologia de conteúdo, ou mero produto de jornalismo a soldo, pago a peso de ouro.

A propaganda adúladora que Antonio Ferro — calceiro viajante do sarafico ditador português — tem feito fora do país e que tão cara tem custado ao povo, tem somente o objetivo de ocultar ao mundo a ruína económica do povo, e a degradação moral do sistema fascista imperante.

O terror campela infrene por todos os lados, e um regime que só consegue manter-se pelo terror que inspira, é um regime de opróbrio, uma ignominiosa tirania. Entre um tirano que prende, que espanca, que deporta e que mata, e um povo que ama a liberdade e que anseia ser livre, não pode haver entendimentos, não pode haver conciliação.

Dizem-no as greves e as constantes manifestações de hostilidade ao regime, reprimidas selvaticamente, dizem-nos as prisões em massa do povo laborioso.

As prisões estão a abarrotar de gente de todas as camadas sociais. Há presos políticos nas prisões políticas, nas Penitenciárias, há mais duma dezena de anos, e o Campo de Morte do Tarrafal continua a sua obra macabra.

O erário público é quase na totalidade absorvido pelas forças de repressão e pela excessivíssima burocracia inerente a todo o sistema ditatorial.

As artes e as letras estão em plena decadência. A não concordância com o regime, dos mais altos valores mentais do país, valeu-lhes a demissão dos altos cargos de ensino que desempenhavam, contribuindo desta forma para uma maior e mais rápida ruína da cultura e da ciência.

A situação económica da classe do professorado primário é mais que deprimente, é alarmante, afluindo vencimentos inferiores a qualquer guarda de prisão. Por toda a parte o caos, por toda a parte a miséria. E, a agravar a inenarrável situação económica das classes trabalhadoras, há a horripilante tragédia do alojamento.

A chamada crise de habitação atinge proporções aterradoras. Tugurios, tocas, choupanas onde nunca existiu uma cama; furnas que mais parecem covis de feras, e aquedutos insalubres, são o único recurso do povo que trabalha e sofre, para não morrer ao descampado.

E aqueles que conseguem, depois

de empenhar todos os seus haveres para fazer face às imperiosas necessidades do estomago, albergar-se sob um teto, vivem na mais pungente promiscuidade.

É este o quadro vivo, pintado, ligeiramente, criado pelo Estado Novo. É este o balanço trágico de 22 anos do fascismo em Portugal. É esta a realidade confrangedora, que o venal Antonio Ferro não diz, e que o lapia negro da Censura não deixa passar.

É esta a obra ignominiosa e beatífica do odiado ditador Salazar aplicada pela Igreja Católica.

Portugal, Fevereiro de 1948.

JOSE' ALENTEJO

### OS HORRORES DE TARRAFAL — O NOVO INFERNO DE DANTE

Num dos últimos números de "A Batalha", órgão da Confederação Geral do Trabalho de Portugal, que continua a aparecer clandestinamente, encontramos a seguinte descrição dos horrores a que estão sujeitos os presos desterrados para a ilha do Tarrafal, transformada em um campo de concentração, onde todas as brutalidades são praticadas:

Há palavras que por si só falam mais que tratados e, ao pronunciá-las, sentimos como que um mundo de idéias e emoções a evadir-nos, somos açoitados por sacudelas sem fim que profundamente nos abalam, nos perturbam.

É assim que não podemos pronunciar a palavra Tarrafal sem que um grande drama nos domine, sem que a visão tetrica, horrorosa, de um viver talvez pior que a morte nos absorva e nos faça vibrar de indignação e de revolta.

Passam-nos pela mente homens descalços e esfarrapados, vergados ao peso de trabalhos forçados, suportando os maiores insultos e castigos e ainda a braços com a doença e a fome que os vai a pouco e pouco dizimando ou enfraquecendo.

Tudo isto o Tarrafal nos faz pensar porque na verdade tudo isso ele representa. Por mais que digamos contra esta criação maquiavelica dos nossos ditadores nunca é suficiente, nunca será capaz de refletir fielmente a realidade. Mas para vergonha e escárnio de um povo, para deserdado das chamadas potências anti-fascistas vencedoras, no Tarrafal ainda permanece um punhado de nobres lutadores anti-fascistas que há anos foram para lá arremessados.

É simplesmente caricato, e profundamente revoltante, que quando os aliados se batiam contra as forças do eixo, os presos do Tarrafal sofriam muitas vezes castigos por manifiestarem o seu desejo pela vitória das forças aliadas e que, depois da



### A INTRUJICE DA IGREJA

Não passa de uma bolha de sabão a encíclica de Leão XIII com que, neste momento de crise social, a exploração cristã do capitalismo pretende desviar o proletariado de seu movimento reivindicador

nas variantes de pormenor, mas substancialmente iguais embora sob o império de clans diferentes. Este fenómeno da atualidade pode explicar a coexistência de formas políticas que só exteriormente parece degladiarem-se: fascismo, democracia e bolchevismo. O que há verdadeiramente é a colonização de todos os povos pelos clans argentários e tecnocráticos.

É contra este maciço colosso que lutam, sagrando de longo martírio, os anarquistas de Portugal e Espanha. E até contra as próprias correntes sol-dizant antifascistas, portadoras do mesmo vírus totalitário.

Portugal — Fevereiro de 1948.

Mário Martins

victória, os que antes os castigavam pelas suas simpatias aliadofilas continuam todavia a ser os seus carcereiros.

Quanta ilusão desfeita! Sim, as democracias ganharam mas o fascismo em Portugal e Espanha continua e o Tarrafal permanece a realizar a sua obra de devastação e de morte nas pessoas dos anti-fascistas que ali aguardam, imersos em desespero e dor, a sua restituição à vida.

A extinção do Tarrafal é um imperativo humano e uma necessidade não só para os que ali permanecem e suas famílias, mas também as que sintam e vivam as idéias de liberdade e redenção humana.

### UMA CARTA QUE É UM GRITO DE DOR NO IMENSO PRESIDIO DA VIDA PORTUGUESA

"Camaradas de 'A Plebe'!"

Acabamos de receber notícias do Brasil libertário através de "A Plebe", em carta de uma camarada, datada de 24 de Dezembro p.p., que lida em reunião da Aliança Libertária, foi para nós a alevia da esperança à nossa atividade libertária na batalha tremenda que sustentamos contra o obscurantismo que pesa sobre o povo português.

Neste combate árduo e difícil que nos impõe a despachar os pesados dãos desta cadeia de ferros em que o fascismo nos tem amarrado, nesta atmosfera de opressão e de terror, o nosso coração arde na chama purificadora do nosso amor à liberdade, condensada no ideal da anarquia.

Sim, camaradas, na vida do mundo político, o decorrer destes últimos 13 anos foram um rápido "minuto" — um "minuto" das maiores apreensões e das mais dolorosas tragedias, mas na vida dos povos representa séculos. E que séculos de lutas atrozes, de sofrimentos e, também, de fé ardente nos destinos da humanidade escrava e sofridora!

Estes 13 anos passel-os sob a realidade fascista, nas mais torturantes condições de sofrimento. Subterrâneo da Penitenciaría, Bastilha da Ilha Terceira e quase uma década no Campo de Morte do Tarrafal, que ainda hoje se ergue como que num desfilio ao mundo livre. Ali vimos desaparecer na voragem dos assassinatos políticos camaradas queridos e grandes idealistas, como Arnaldo Simões Januario e Mario Castelhan. E todos estes crimes cometidos para maior glória do capitalismo e da religião católica.

Sim, porque o Vaticano domina totalmente em Portugal, e contra a sua tirania sufocadora, nós, os anarquistas, lutamos em condições adversas e sob o jugo de gigantesco sacrifício, mas convictos de que a vitória nos há-de sorrir, e que o "tampão" do caldeirão explosivo desta oprimida Iberia em breve irá pelos ares, e os seus clarões ideais serão o facho da Anarquia a iluminar o mundo e a indicar o caminho que a humanidade há de seguir.

### Jornais libertários do estrangeiro

São encontrados à venda na Agência Aliança, à rua D. José de Barros, 245, próxima do Largo Paissandú, os seguintes jornais libertários do estrangeiro: "Humanità Nova", de Roma; "L'Adunata del Refrattari" e "Cultura Proletaria", de Nova York; "Tierra y Libertad", do México.

Na mesma agência também são encontradas à venda "Acção Direta" e "A Plebe".